

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

ISABELLE LEITÃO CARDOSO

**AS PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO
ATENDIMENTO AO USUÁRIO DE DROGAS: uma revisão integrativa**

**PORTO ALEGRE
2016**

ISABELLE LEITÃO CARDOSO

**AS PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO
ATENDIMENTO AO USUÁRIO DE DROGAS: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Wagner Camatta

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliana e José Clovis, por serem meus maiores motivadores e patrocinadores, pelo amor, paciência e dedicação ao longo de todos esses anos.

Ao meu irmão, Gabriel, por ter sido meu exemplo quando pequena, por me transmitir toda a paixão pelo imortal tricolor, pela amizade e os momentos épicos que já compartilhamos.

Aos meus familiares e fiéis amigos, por compreenderem a minha ausência e me apoiarem, pelos momentos de descontração e por vibrarem comigo a cada conquista.

Ao meu namorado, Lucas Borges, por não medir esforços para me fazer feliz, por sempre acreditar no meu potencial e sentir orgulho de mim, pelo carinho e companheirismo dedicado a mim ao longo desse ano.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à Escola de Enfermagem e a todos os professores pela confiança e pelo ensino público de qualidade.

Às equipes de enfermagem e unidades que tive a honra de estagiar, pela acolhida, paciência e partilhamento de seus conhecimentos e experiências.

Aos pacientes, por me permitirem aprender a cada cuidado e por, muitas vezes, dividirem comigo as suas alegrias e tristezas.

Aos amigos que a UFRGS me oportunizou conhecer, por dividirem essa trajetória comigo e fazerem dela mais leve e divertida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcio Wagner Camatta, por acreditar no meu potencial desde o início, por compartilhar todos ensinamentos e experiências, por despertar em mim o amor pela saúde mental e a adição, pela paciência e cumplicidade.

Ao Enfermeiro Márcio Silveira e toda equipe da Unidade de Adição do Hospital de Clínicas, principalmente os enfermeiros e técnicos de enfermagem, que tive a honra de conviver por 2 anos, por me acolherem, acreditarem no meu potencial como enfermeira e compartilharem suas experiências e conhecimentos, pela paciência, amizade e carinho.

A todos vocês que me ajudaram a tornar esse sonho possível, muito obrigada!

"Não podemos modificar a natureza do adicto ou da adicção. Podemos ajudar a modificar a velha mentira, que "Uma vez drogado, sempre um drogado", esforçando-nos para tornar a recuperação cada vez mais acessível. Deus, ajude-nos a lembrar desta diferença."

Narcóticos Anônimos

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo caracterizar as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura baseada na metodologia proposta por Cooper (1984). A coleta de dados foi realizada de forma online nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Os descritores da biblioteca virtual em saúde (DeCS) e as palavras-chaves utilizadas foram Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias, Usuários de Drogas, Alcoolismo, Drogas Ilícitas, Enfermagem, Papel do Profissional de Enfermagem, Prática Profissional, Equipe de Enfermagem e Drogas. A amostra foi composta por 11 artigos disponíveis para acesso online de forma completa e gratuita, publicados no período de 2006 a 2015, redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol. Os artigos resultantes de revisões bibliográficas, integrativas e sistemáticas de literatura, monografias, teses, dissertações e reflexões teóricas foram excluídos durante a coleta de dados. Constatou-se que as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas ainda possuem resquícios de um modelo contrário aos pressupostos da Reforma Psiquiátrica e das políticas sobre álcool e drogas recentes no Brasil. Ressalta-se a importância do desenvolvimento de estratégias que visem melhorar a formação dos profissionais de enfermagem e oferecer um atendimento mais humanizado, integral e efetivo aos usuários de drogas.

Descritores: Transtornos relacionados ao uso de substâncias. Prática Profissional. Enfermagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Cruzamento dos DeCS e das palavras-chave por base de dados.....	14
Figura 1 - Fluxograma das etapas da coleta de dados.....	16
Quadro 2 - Relação dos artigos incluídos na revisão integrativa.....	18
Gráfico 1 - Distribuição dos artigos conforme o ano de publicação.....	21
Tabela 1 - Distribuição dos artigos conforme o periódico de publicação.....	21
Gráfico 2 - Distribuição dos artigos conforme o idioma de publicação.....	22
Tabela 2 - Distribuição dos artigos conforme o Estado onde foi realizado o estudo.....	23
Gráfico 3 - Distribuição dos artigos conforme os sujeitos de pesquisa.....	23
Tabela 3 - Distribuição dos artigos conforme o local de estudo	24
Quadro 3 - Quadro sinóptico das práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.....	24
Quadro 4 - Quadro sinóptico das percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	07
2 OBJETIVO.....	12
3 MÉTODO.....	13
3.1 Tipo de estudo.....	13
3.2 Primeira etapa: formulação do problema.....	13
3.3 Segunda etapa: coleta de dados.....	13
3.4 Terceira etapa: avaliação dos dados.....	17
3.5 Quarta etapa: análise e interpretação dos dados.....	17
3.6 Quinta etapa: apresentação dos resultados.....	17
3.7 Aspectos éticos.....	17
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
4.1 Caracterização da amostra.....	18
4.2 Práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.....	24
4.3 Percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	41
ANEXO A - CÓPIA DO PARECER CONSUBSTANCIADO DA COMPESQ EEUFRGS.....	42

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O consumo de álcool e outras drogas inicialmente estava ligado a rituais religiosos e festivos em virtude dos poucos métodos de produção em larga escala. Porém, a partir do século XVII, as drogas foram sendo incorporadas de forma gradativa pela cultura como uma mercadoria, sendo disponibilizadas em grandes quantidades, com acesso facilitado e preços razoáveis. Por consequência, uma grande quantidade de indivíduos começou a apresentar problemas relacionados ao consumo do uso de drogas (DIEHL et al., 2011, p. 43).

O relatório mundial sobre drogas do *United Nations Office on Drugs and Crime* (2013) estima que entre 16 a 39 milhões de pessoas fizessem uso nocivo ou eram dependentes de drogas ilícitas em 2013. Segundo o Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), foram realizadas 35.168 internações hospitalares associadas a transtornos mentais e comportamentais decorrentes do uso de drogas em todo o Brasil em 2015 (BRASIL, 2016a).

O II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD), realizado em 2012, mostrou que o Brasil correspondia a 20% do consumo de crack e cocaína mundial. No mesmo levantamento foi apontado que mais da metade da população brasileira consumia álcool regularmente (uma vez ou mais na semana), sendo que 6,8% preenchiam critérios para o diagnóstico de dependência (LARANJEIRA, 2014).

Segundo a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da *American Psychiatric Association* (APA) de 2014, o transtorno relacionado ao uso de substâncias é um padrão problemático de uso de substância, levando ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por dois ou mais sintomas (tolerância, compulsão, perda de controle, síndrome de abstinência, negligência de atividades e aumento do tempo gasto no consumo e uso apesar do prejuízo) ocorrendo a qualquer momento no mesmo período de 12 meses. Conforme a quantidade de sintomas apresentados pelo usuário de substância, o transtorno pode ser diagnosticado como leve, moderado ou grave.

No Brasil, a 10ª revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (OMS) é utilizada para fins de diagnóstico no Sistema Único de Saúde (SUS). O diagnóstico de transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de substâncias psicoativas está distribuído no agrupamento F10-F19 conforme o tipo de substância

de uso (OMS, 2008) e apresenta como critério diagnóstico os sintomas semelhantes aos descritos pelo DSM-5 no diagnóstico transtorno relacionado ao uso de substâncias.

Durante muito tempo, a problemática das drogas no Brasil tinha como foco as questões de segurança pública em detrimento a saúde dos usuários (MACHADO; BOARINI, 2013). O primeiro Decreto-Lei nº 891 instaurado em 1938 e incorporado ao artigo 281 do Código Penal de 1941 por Getúlio Vargas fiscalizava o uso de entorpecentes, demandava internação psiquiátrica obrigatória aos toxicômanos, condenava o uso de cocaína, ópio, maconha e heroína; estimulava à repressão ao tráfico e ao toxicômano sem prescrição do uso para fins terapêuticos pelo Departamento Nacional de Saúde (BRASIL, 1939).

Na década de 1970, após a morte de duas crianças vítimas de crimes relacionados ao uso de drogas, o então presidente Ernesto Geisel promulgou a Lei nº 6.368 que vigoraria nas próximas três décadas. A lei tinha como essência a redução da oferta, ou seja, buscava inibir o consumo de substâncias com enfoque repressivo, enviando para prisão tanto traficantes como usuários (BRASIL, 1976; GARCIA; LEAL; ABREU, 2008; VENTURA; BENETTI, 2014).

Permeada pelas leis promulgadas, a lacuna na saúde pública em relação à assistência aos usuários de drogas contribuiu para a expansão do tratamento de cunho religioso nas comunidades terapêuticas. A partir da década de 1990, impulsionado pelo avanço da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e da constatação do colapso da estratégia de guerra às drogas, o governo brasileiro, com apoio dos movimentos sociais a favor dos direitos humanos, estabeleceu o uso de droga também como um problema de saúde pública (MACHADO; BOARINI, 2013; VENTURA; BENETTI, 2014).

No ano de 2005, embasada em dados epidemiológicos atualizados e teoricamente fundamentados, foi implementada a Política Nacional sobre Drogas (PNAD). Essa política organiza os objetivos e as diretrizes necessárias para que se possa planejar e articular estratégias voltadas para a redução da demanda e da oferta de drogas e tem como pilares norteadores a prevenção, o tratamento, recuperação e reinserção social do usuário, a redução de danos sociais e à saúde, a redução da oferta e os estudos, pesquisas e avaliações sobre as drogas (FORMIGONI, 2016, p. 115).

Em consonância com a nova política sobre drogas e revogando a Lei nº 6.368/76, foi promulgada em 23 de Agosto de 2006 a Lei nº 11.343 que instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre drogas (SISNAD), prescreveu medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabeleceu normas para repressão à produção não autorizada a ao tráfico ilícito de drogas; definiu crimes e deu outras providências. A principal medida da nova lei foi a distinção do dependente e do usuário de droga dos traficantes. Apesar de continuar caracterizando o porte como crime, a lei implementou medidas sócio-educativas sem privação de liberdade para os usuários e dependentes (BRASIL, 2006; FORMIGONI, 2016, p. 116).

Com a chegada do Crack no Brasil e a visibilidade do consumo desenfreado e as suas consequências na mídia, o Governo Federal promulgou o Decreto nº 7.179/2010, que instituiu o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas. O Decreto foi criado com o objetivo de ampliar, estruturar, articular e integrar as ações voltadas à prevenção do uso, tratamento e reinserção social de usuários de crack e outras drogas; ampliar, estruturar e fortalecer as redes de atenção à saúde e de assistência social para usuários de crack e outras drogas no âmbito do SUS; capacitar de forma continuada os envolvidos nas ações; promover e ampliar a participação comunitária nas políticas e ações; disseminar informações qualificadas relativas ao crack e outras drogas; e fortalecer as ações de enfrentamento ao tráfico de crack e outras drogas ilícitas em todo o território nacional (BRASIL, 2010).

A criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas por meio da Portaria nº 3.088 em 23 de dezembro de 2011 culminou simultaneamente com o lançamento do Programa "Crack, é possível vencer" pelo Governo Federal (BRASIL, 2013; FORMIGONI, 2016, p. 122). Com a ampliação de investimentos promovida pela RAPS e pelo Programa, atualmente é disponibilizado na rede pública para tratamento do usuário e dependente de drogas no Brasil 129 consultórios na rua, 800 leitos em enfermaria especializada, 59 Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) 24 horas, 7.541 vagas em comunidades terapêuticas e 60 unidades de acolhimento (BRASIL, 2016b).

Além de diversificar a rede de atenção ao usuário de drogas no SUS, as atuais políticas públicas ressaltam que os profissionais da área da saúde devem compreender a dependência química como um fenômeno multidimensional, uma vez

que a problemática não se restringe apenas a relação entre o indivíduo e a substância (SPRICIGO et al., 2004). Destaca-se que os profissionais de enfermagem são habilitados para cuidar de indivíduos em geral, família e coletividade de forma integral e humanizada (BRANCO et al., 2013), sendo importante mediadores no contexto atual, onde é necessário uma abordagem terapêutica de promoção, prevenção, reabilitação e reinserção social do usuário de álcool e outras drogas.

Atualmente, as práticas dos profissionais de enfermagem no tratamento da dependência química vão além da contenção física e mecânica (FILHO; SANTOS; OLIVEIRA, 2011, p. 221). As ações assistências ocorrem com maior ênfase no período inicial de desintoxicação, geralmente são focadas na manutenção do quadro clínico dos usuários e desenvolvidas em hospitais gerais, clínicas e em CAPS AD. (COELHO, 2012; BRANCO et al., 2013). As ações educativas dos profissionais de enfermagem ocorrem ao longo de todo o tratamento, em qualquer ponto da rede de atenção, e possibilitam que os pacientes e suas famílias tornem-se agentes ativos na construção do cuidado à saúde. Essas ações têm como foco a ampliação do conhecimento sobre temas relacionados à patologia e o desenvolvimento de um novo repertório social que fortaleça os fatores de proteção que auxiliam na redução da iniciativa de consumo (FILHO; SANTOS; OLIVEIRA, 2011, p. 222).

A comunicação terapêutica é um dos principais instrumentos do profissional de enfermagem na assistência ao dependente químico. Para ser estabelecida, é necessário que os profissionais sejam empáticos, fiquem atentos a possíveis estigmas ou sentimentos contratransferenciais. É possível, por intermédio da comunicação, identificar os significados aplicados aos fatos vivenciados pelos pacientes para tentar auxiliá-los a encontrar modos para promover mudanças em seu comportamento, no manejo da fissura, no controle de sua ansiedade, para orientar quanto a sua dependência, pontuar a importância da manutenção da abstinência e estimular a continuação do seu tratamento (FILHO; SANTOS; OLIVEIRA, 2011, p. 224).

Minha afinidade pelo atendimento ao usuário de álcool e outras drogas surgiu no 5º semestre do curso de Enfermagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando realizei o estágio da Disciplina de Enfermagem em Saúde Mental II no Ambulatório de Adição do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). A vivência oportunizada pela disciplina possibilitou a quebra do estigma social em

relação ao usuário de drogas por meio de uma maior compreensão dos fatores que envolvem o consumo e o tratamento em adição.

Ao término da disciplina, fui convidada para ser estagiária no Serviço de Enfermagem em Adição (SEA) do HCPA. Além das atividades administrativas, que me proporcionaram um conhecimento teórico sobre a dependência química e o funcionamento de um serviço de enfermagem, realizei por um ano e meio, sob supervisão dos enfermeiros, a prática assistencial na Unidade de Internação em Adição (UIA). Nesse período, além de acompanhar o trabalho do enfermeiro, tive que aprender a lidar com as inúmeras recaídas, histórias de envolvimento criminal e o abandono do tratamento pelos usuários, situações pertinentes a assistência que eram contrárias aos meus valores morais e que me ocasionavam certo desconforto.

O trabalho em saúde mental pode ser considerado um fator potencial de estresse e esgotamento, principalmente na área da atenção ao usuário de drogas. Usuários com comprometimento cognitivo, em situação de rua, com história de envolvimento criminal, abandono do tratamento, pouca motivação e constantes recaídas são exemplos de situações habituais que podem gerar tensão e ansiedade nos profissionais da equipe de enfermagem (DIDONET; FONTANA, 2011).

Compreender a percepção dos profissionais de enfermagem a respeito da prática assistencial desenvolvida com dependentes químicos é essencial para tratar e cuidar do dependente químico de maneira integral. Visões preconceituosas e moralistas prejudicam a promoção do vínculo e de práticas efetivas de cuidado aos usuários de drogas, além de promover um ambiente de trabalho desfavorável para a saúde do trabalhador (VIEIRA; CALDANA; CORRADI-WEBSTER, 2013).

Considerando que a implementação de uma nova política brasileira sobre drogas nos últimos 10 anos vem buscando mudar a visão social acerca do dependente químico e reorientar as práticas assistenciais dos profissionais de saúde, pretende-se com esse estudo responder a seguinte questão norteadora: quais são as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas?

Acredita-se que a identificação e análise das publicações relacionadas às práticas e percepções desses profissionais podem auxiliar na reflexão e reorientação das práticas cotidianas, contribuindo para a promoção de melhores ambientes de trabalho para os profissionais e de um atendimento mais humanizado e efetivo nos ambientes de tratamento dos usuários de drogas e suas famílias.

2 OBJETIVO

Esse estudo teve como objetivo caracterizar as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo do tipo revisão integrativa de literatura (RI), baseado na proposta de Cooper (1984). Essa metodologia visa agrupar os resultados de estudos anteriores sobre um determinado tema com o objetivo de sintetizar e analisar os dados para desenvolver uma explicação mais abrangente e específica do tema em questão. O estudo foi desenvolvido em cinco etapas: formulação do problema, coleta de dados, avaliação dos dados, análise e interpretação dos dados e apresentação dos resultados.

3.2 Primeira etapa: formulação do problema

Com o intuito de orientar a revisão integrativa, formulou-se a seguinte questão norteadora: quais são as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas?

3.3 Segunda etapa: coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de forma online no mês de novembro de 2016. A Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) foi utilizada durante a coleta por facilitar a aplicação de filtros de busca, ser integrada aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e permitir o acesso ao conteúdo das principais bases de dados utilizadas na área da saúde. As bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF) foram selecionadas por apresentarem conteúdo atualizado e um número expressivo de periódicos de enfermagem nacionais indexados, possibilitando assim alcançar o objetivo de retratar a realidade brasileira. Para realizar a busca nas bases de dados, os DeCS utilizados foram: Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias, Usuários de Drogas, Alcoolismo, Drogas Ilícitas, Enfermagem, Papel do Profissional de Enfermagem, Prática Profissional e Equipe de Enfermagem.

Optou-se por incluir na coleta de dados a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), uma biblioteca eletrônica que disponibiliza de forma online e gratuita uma

coleção selecionada de periódicos brasileiros. Por não ser integrada aos DeCS, foram selecionadas as seguintes palavras chave para a busca na SciELO: Drogas e Enfermagem.

Os cruzamentos dos DeCS e das palavras chaves utilizados como estratégia de busca nas bases de dados estão detalhados no Quadro 1. Para alcançar o maior número de artigos possíveis sobre a temática, foi selecionado um número expressivo de descritores e realizado todos os cruzamentos disponíveis como estratégia de busca.

Quadro 1 - Cruzamento dos DeCs e das palavras-chave por base de dados

Base de Dados	Cruzamento	Nº artigos encontrados
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	21
BDENF	AND Enfermagem	18
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	7
BDENF	AND Papel do Profissional de Enfermagem	5
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	10
BDENF	AND Prática Profissional	1
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	6
BDENF	AND Equipe de Enfermagem	7
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	48
BDENF	AND Usuários de Drogas	9
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	493
BDENF	AND Alcoolismo	37
LILACS	Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias	466
BDENF	AND Drogas Ilícitas	80
LILACS	Usuários de Drogas AND Enfermagem	2
BDENF		1
LILACS	Usuários de Drogas AND Papel do Profissional de	0
BDENF	Enfermagem	0
LILACS	Usuários de Drogas AND Prática Profissional	0
BDENF		0

LILACS	Usuários de Drogas AND Equipe de Enfermagem	2
BDENF		0
LILACS	Usuários de Drogas AND Alcoolismo	25
BDENF		2
LILACS	Usuários de Drogas AND Drogas Ilícitas	13
BDENF		3
LILACS	Alcoolismo AND Enfermagem	16
BDENF		13
LILACS	Alcoolismo AND Papel do Profissional de Enfermagem	4
BDENF		1
LILACS	Alcoolismo AND Prática Profissional	9
BDENF		3
LILACS	Alcoolismo AND Equipe de Enfermagem	4
BDENF		3
LILACS	Alcoolismo AND Drogas Ilícitas	107
BDENF		17
LILACS	Drogas Ilícitas AND Enfermagem	9
BDENF		8
LILACS	Drogas Ilícitas AND Papel do Profissional de Enfermagem	2
BDENF		2
LILACS	Drogas Ilícitas AND Prática Profissional	1
BDENF		0
LILACS	Drogas Ilícitas AND Equipe de Enfermagem	4
BDENF		3
SciELO	Drogas AND Enfermagem	398

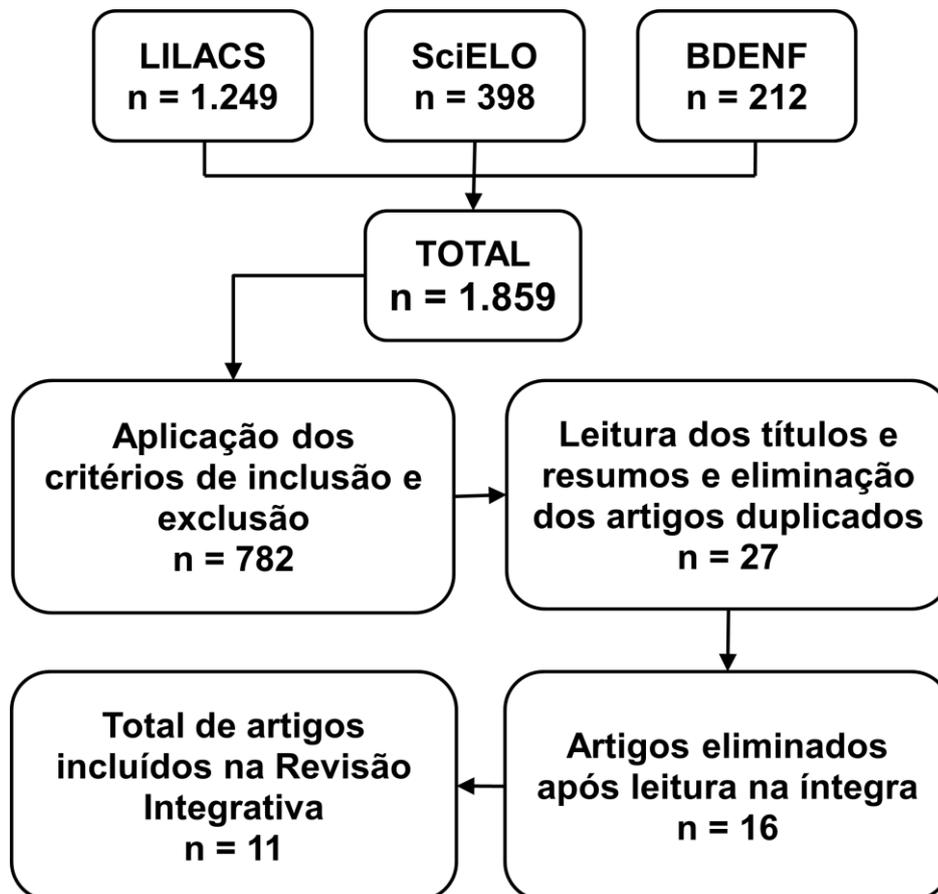
Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016

Quanto aos critérios de inclusão, foram selecionados os artigos disponíveis para acesso *online* de forma completa e gratuita, publicados no período de 2006 a 2015, redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol. O período de publicação dos artigos foi escolhido por permear a implementação das principais políticas públicas sobre drogas que mudaram o cenário brasileiro, sobretudo quanto à oferta

de tratamento e a distinção do dependente de drogas do traficante (BRASIL, 2006; FORMIGONI, 2016, p. 115). Os critérios de exclusão foram os artigos resultantes de revisões bibliográficas, integrativas e sistemáticas de literatura, monografias, teses, dissertações e reflexões teóricas.

Através dos cruzamentos apresentados anteriormente no Quadro 1, encontrou-se um total de 1.859 artigos nas bases de dados, sendo 1.249 na LILACS, 398 na SciELO e 212 na BDEF. Com auxílio dos filtros disponíveis na BVS e na SciELO, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, diminuindo o número de artigos iniciais da amostra para 782. Após a leitura dos títulos e resumos e a eliminação dos artigos duplicados, foram pré-selecionados 27 artigos. A leitura na íntegra resultou na exclusão de 16 artigos, tendo em vista que os mesmos não respondiam a questão norteadora. Por fim, foram selecionados 11 artigos para compor a amostra final desta revisão integrativa (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma das etapas da coleta de dados



3.4 Terceira etapa: avaliação dos dados

Nesta etapa, elaborou-se um instrumento (APÊNDICE A) que permitiu a síntese dos artigos e o levantamento de dados relacionados as práticas e percepções dos profissionais. Foram preenchidos, nesse instrumento, os dados de identificação do artigo, os objetivos, as características metodológicas, os resultados, a conclusão e as limitações e recomendações dos estudos.

3.5 Quarta etapa: análise e interpretação dos dados

Os dados extraídos, por meio do instrumento (APÊNDICE A) anteriormente mencionado, foram categorizados, analisados e comparados a fim de verificar as convergências e divergências presentes entre os mesmos. Após análise e interpretação, os dados foram registrados em quadros sinópticos com o objetivo de ressaltar de forma objetiva as ideias dos autores dos artigos que responderam à questão norteadora.

3.6 Quinta etapa: apresentação dos resultados

Os resultados encontrados foram divididos em categorias temáticas e apresentados por meio de quadros, tabelas e gráficos. A discussão deu-se através da comparação entre a literatura selecionada, de modo a apresentar a síntese e a interpretação dos resultados.

3.7 Aspectos éticos

Durante a realização da RI, foram assegurado os aspectos éticos, respeitando a autenticidade das ideias, conceitos e definições dos autores pesquisados fazendo as devidas citações e referências conforme as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O projeto da pesquisa foi submetido para análise e registro, sendo aprovado na Comissão de Pesquisa (COMPESQ) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EEUFRGS) sob o número 32164 (ANEXO A).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão apresentados e discutidos os resultados encontrados acerca das práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas.

4.1 Caracterização da amostra

A amostra do estudo foi composta por 11 artigos que responderam à questão norteadora. O quadro 2 apresenta a relação dos artigos incluídos na RI conforme codificação, autor, ano de publicação e objetivo.

Quadro 2 - Relação dos artigos incluídos na revisão integrativa

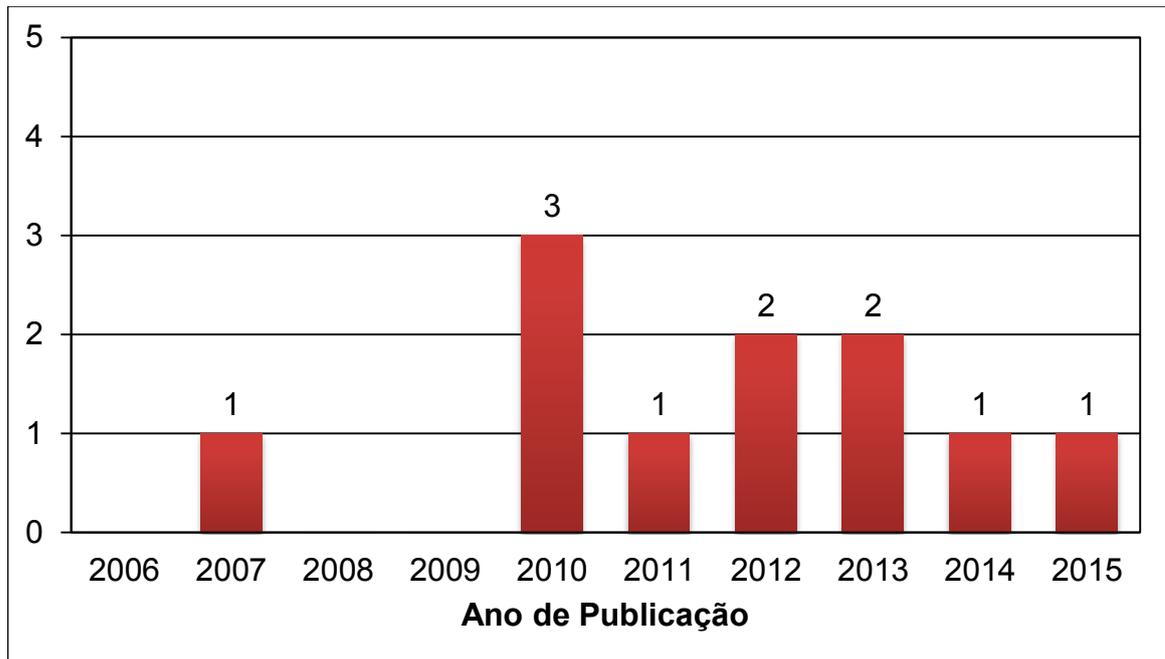
Artigo	Título	Autor e Ano	Objetivo
A1	Centros de atenção psicossocial álcool/drogas: inserção e práticas dos profissionais de enfermagem	VARGAS et al. (2014)	Verificar a inserção e as práticas dos profissionais de nível médio da equipe de enfermagem nos CAPS álcool e drogas.
A2	Papel do enfermeiro da atenção básica de saúde na abordagem do dependente de drogas em João Pessoa, PB, Brasil	ROSENSTOCK, NEVES (2010)	Investigar o papel do enfermeiro da Atenção Básica de Saúde na abordagem aos dependentes de drogas, analisando estratégias de cuidados básicos de enfermagem aplicados a estes usuários.
A3	A inserção e as práticas do enfermeiro no contexto dos centros de atenção psicossocial álcool e drogas (CAPS AD) da	VARGAS, OLIVEIRA, DUARTE (2011)	Identificar a inserção e as práticas de enfermeiros nos CAPS AD da cidade de São Paulo, Brasil.

	cidade de São Paulo, Brasil		
A4	Cuidados a pessoas com dependência química em hospital geral na ótica da equipe de enfermagem	HENRIQUES et al. (2013)	Identificar a concepção de profissionais de enfermagem sobre o cuidado a pessoas dependentes de substâncias psicoativas internadas em hospital geral.
A5	Representação social de enfermeiros de centros de atenção psicossocial em álcool e drogas (CAPS AD) sobre o dependente químico	VARGAS et al. (2013)	Identificar as representações sociais de enfermeiros de serviços especializados em álcool e outras drogas sobre o dependente químico.
A6	Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente às características pessoais do paciente alcoolista	VARGAS (2010)	Verificar as atitudes de enfermeiros de hospital geral frente às características pessoais de alcoolista.
A7	Representações sociais dos enfermeiros de unidades básicas de um distrito sanitário de Foz do Iguaçu, PR, sobre o alcoolismo	MEIRA, ARCOVERDE (2010)	Identificar a atuação e a representação dos enfermeiros de unidades básicas de saúde sobre o alcoolismo.
A8	Atuação do enfermeiro na atenção ao usuário de álcool e outras drogas nos serviços extra-hospitalares	GONÇALVES, TAVARES (2007)	Analisar as ações de saúde desenvolvidas pelo enfermeiro junto a usuários de álcool e outras drogas, evidenciando os limites e possibilidades

			desta atuação nos serviços de atenção extra-hospitalares.
A9	Atuação do enfermeiro a usuários de álcool e de outras drogas na saúde da família	SOUZA, PINTO (2012)	Identificar como enfermeiros atuantes na Saúde da Família abordam a temática do álcool e de outras drogas.
A10	Representações sociais dos enfermeiros de hospital geral diante do paciente alcoolista	OLIVEIRA, VARGAS (2012)	Analisar as representações sociais dos enfermeiros de hospital geral diante do paciente alcoolista.
A11	Concepções de profissionais de enfermagem de nível médio perante o dependente químico	VARGAS et al. (2015)	Descrever e compreender as concepções dos profissionais de nível médio em enfermagem dos centros de atenção psicossocial álcool e drogas (CAPS AD) perante o dependente químico.

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

O período de publicação dos artigos foi escolhido por permear a implementação das principais políticas públicas sobre drogas que mudaram o cenário brasileiro, sobretudo quanto à oferta de tratamento e a distinção do dependente de drogas do traficante (BRASIL, 2006; FORMIGONI, 2016, p. 115). O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos artigos conforme o ano de publicação. Dos 11 artigos analisados, verificou-se que 91% dos artigos foram publicados nos últimos cinco anos e que não houveram artigos publicados, entre os selecionados, sobre a temática no ano de 2006, 2008 e 2009.

Gráfico 1 - Distribuição dos artigos conforme o ano de publicação

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

Os artigos que compõem essa RI estão publicados em sete periódicos científicos. A Revista Brasileira de Enfermagem e a Escola Anna Nery Revista de Enfermagem detêm o maior número de artigos publicados sobre a temática, representando cada uma 27,5% da amostra. Destaca-se que 100% dos artigos foram publicados em periódicos nacionais (Tabela 1).

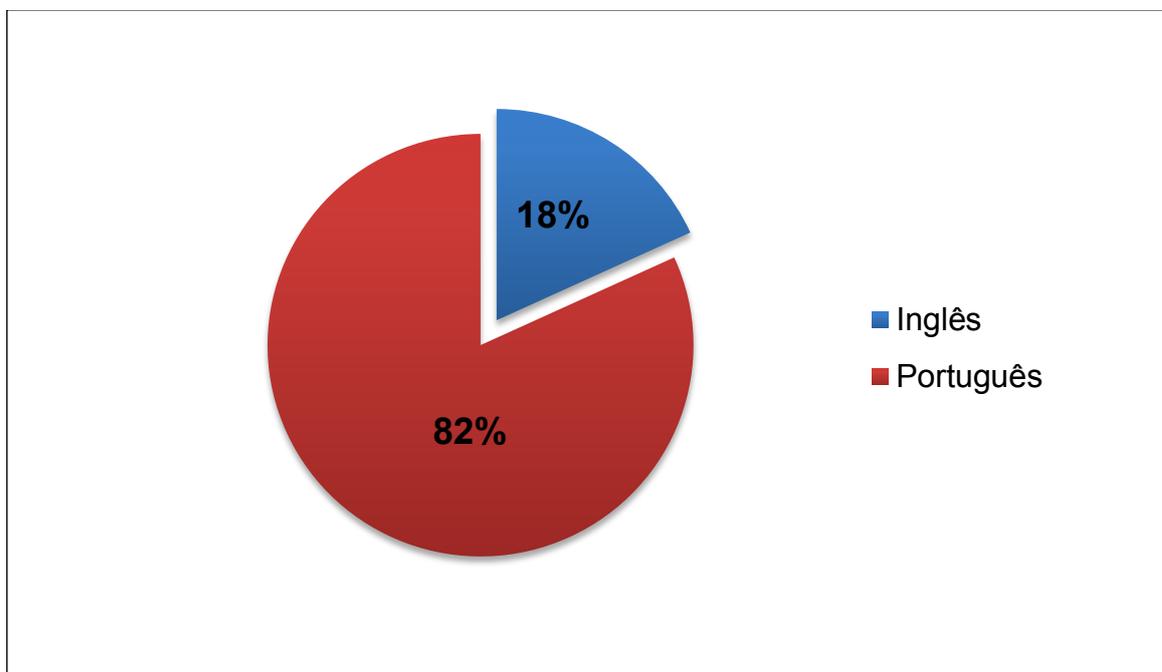
Tabela 1 - Distribuição dos artigos conforme o periódico de publicação

Periódico	Frequência	Porcentagem (%)
Cogitare Enfermagem	1	9
Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	3	27,5
Revista Brasileira de Enfermagem	3	27,5
Revista Eletrônica de Enfermagem	1	9
Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	1	9
Revista de Enfermagem da UFSM	1	9
Revista Latino-Americana de Enfermagem	1	9
Total	11	100

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

Em relação ao idioma, dos 11 artigos que compõem a amostra, nove (82%) foram publicados em português e dois (18%) em inglês. O predomínio de artigos publicados em português e em periódicos nacionais na amostra pode estar atrelado ao objetivo dos autores de retratar as práticas e percepções dos profissionais brasileiros. Durante a coleta de dados, não foram encontrados artigos em espanhol. Os artigos publicados em inglês que responderam a questão norteadora e foram selecionados para fazer parte da amostra foram produzidos no Brasil (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição dos artigos conforme o idioma de publicação



Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

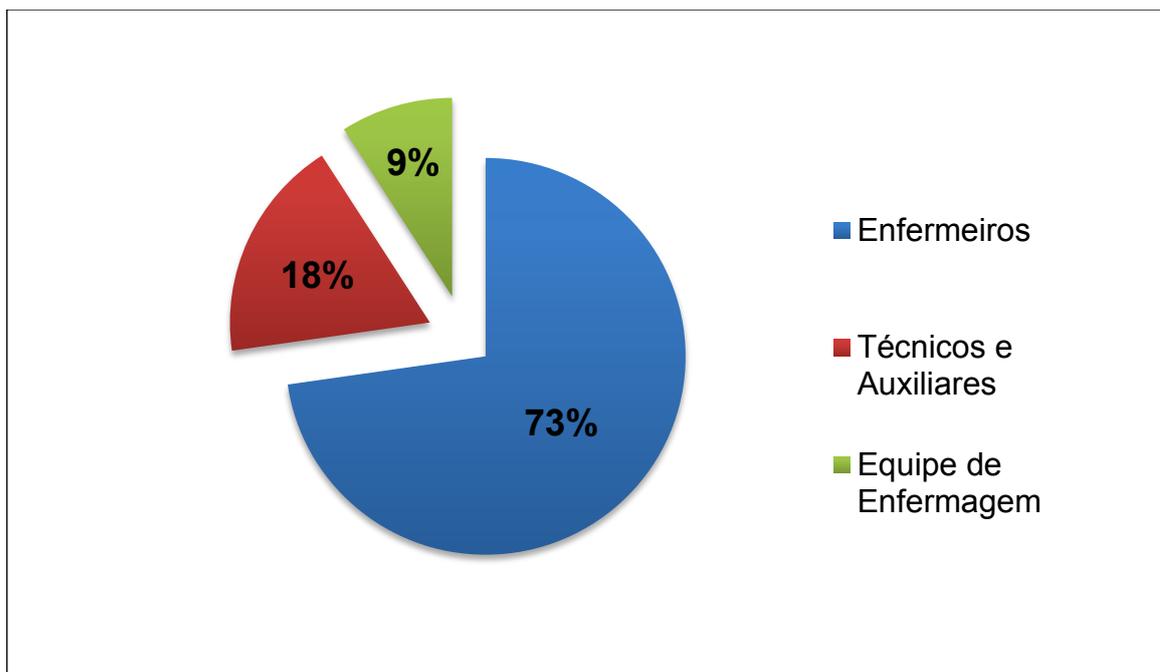
Os artigos que integram a amostra foram realizados em 5 Estados brasileiros. Com 6 (55%) artigos publicados, São Paulo foi o Estado que mais realizou pesquisas na temática. Cabe salientar que a Região Sul e Sudeste, representadas pelos Estados de Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, correspondem a 91% dos artigos incluídos na RI. A Paraíba foi o único Estado fora das regiões citadas acima que realizou pesquisa na temática (Tabela 1).

Tabela 2 - Distribuição dos artigos conforme o Estado onde foi realizado o estudo

Estado	Frequência	Porcentagem (%)
Paraíba	1	9
Paraná	1	9
Rio de Janeiro	1	9
Rio Grande do Sul	2	18
São Paulo	6	55
Total	11	100

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

Conhecer os sujeitos de pesquisa dos artigos que constituíram a amostra é relevante uma vez que o estudo objetiva caracterizar as práticas e percepções dos mesmos. O Gráfico 3 apresenta a distribuição dos artigos conforme os sujeitos de pesquisa. Observa-se que os Enfermeiros foram os profissionais-alvo de 73% dos artigos. Ressalta-se que a equipe de enfermagem completa, ou seja, profissionais de nível superior e nível médio, foram os sujeitos de pesquisa de apenas um (9%) artigo.

Gráfico 3 - Distribuição dos artigos conforme os sujeitos de pesquisa

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

Quanto ao local de estudo, observa-se que todas as pesquisas incluídas nessa RI foram realizadas em serviços propostos como pontos de atenção pela RAPS (BRASIL, 2013). O CAPS AD, serviço da rede de atenção psicossocial especializada, foi o local de maior interesse dos pesquisadores da temática. Cabe salientar que nenhum hospital psiquiátrico existente no Brasil foi escolhido como local de estudo, entretanto, os Leitos em Hospital Geral foram alvo de interesse de 3 (27,5%) artigos. Destaca-se ainda a presença de estudos na Atenção Básica em Saúde, ponto de atenção considerado a principal porta de entrada dos usuários no SUS (BRASIL, 2012) (Tabela 3).

Tabela 3 - Distribuição dos artigos conforme o local de estudo

Local de estudo	Frequência	Porcentagem (%)
CAPS AD	4	36,5
Hospital Geral	3	27,5
Unidade Básica de Saúde	1	9
Unidade de Saúde da Família	2	18
Serviços extrahospitalares	1	9
Total	11	100

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

4.2 Práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas

O quadro 3 apresenta, de forma objetiva, as práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas extraídas dos artigos durante a coleta de dados. Cabe salientar que apenas 6 (55%) artigos descreveram de forma efetiva as práticas realizadas pelos profissionais de enfermagem.

Quadro 3 - Quadro sinóptico das práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas

Artigo	Autor e ano	Práticas dos profissionais de enfermagem
A1	VARGAS et al. (2014)	<ul style="list-style-type: none"> Práticas referentes ao núcleo específico de conhecimento: administração e orientação quanto ao

		<p>tratamento medicamento, acolhimento e orientação dos usuários, realização de curativos e aferição de sinais vitais.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Outras práticas assistenciais: participação de oficinas e grupos educativos. • Práticas extrafuncionais dentro da dinâmica de trabalho da unidade, como apoio nas atividades administrativa.
A2	ROSENSTOCK, NEVES (2010)	<ul style="list-style-type: none"> • Aconselhamento e encaminhamento dos usuários que procuram as unidades para serviços especializados em saúde mental.
A3	VARGAS, OLIVEIRA, DUARTE (2011)	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas referentes ao núcleo específico de conhecimento: administração de medicamentos, coleta de exames, controle de sinais vitais, acompanhamento e observação dos pacientes em período de abstinência, atendimento em situações clínicas ou de emergências. • Outras práticas assistenciais: acompanhamento de pacientes com comorbidades físicas ou psíquicas, o acolhimento e a realização de grupos terapêuticos, oficinas e reuniões. • Práticas administrativas: supervisão da equipe de enfermagem e de outros trabalhadores, separação de medicamentos, transcrição de receitas, anotação de resultados de exames nos prontuários, preenchimento de papéis, agendamento de consultas e organização do trabalho dos demais técnicos do CAPS AD.
A4	HENRIQUES et al. (2013)	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas de carácter biológico: voltadas ao processo de desintoxicação e alívio de sintomas físicos. • Práticas de carácter psicológico: oficinas, grupos, sessões de cinema, suporte e estímulos à pessoa doente.

		<ul style="list-style-type: none"> • Práticas de inclusão da família: orientação sobre o processo de recuperação.
A8	GONÇALVES, TAVARES (2007)	<ul style="list-style-type: none"> • Principais práticas realizadas: recepção e identificação da clientela, desenvolvimento de ações educativas, busca de alianças junto à comunidade, encaminhamentos a outros locais de tratamento, consulta de enfermagem por comorbidades, solicitação de exames laboratoriais, realização de curativos em feridas, aferição de pressão arterial e acompanhamento do usuário de drogas portador de HIV. • Práticas pouco realizadas: Busca ativa na comunidade, abordagem e orientação do uso de álcool e outras drogas durante a consulta de enfermagem e os programas do ministério da saúde, redução de danos e levantamento epidemiológico da área atendida.
A9	SOUZA, PINTO (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades de prevenção do uso de drogas nas escolas, acolhimento, busca ativa e encaminhamento dos usuários para acompanhamento nos centros de atenção psicossocial álcool e drogas.

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

A análise dos artigos permitiu evidenciar que as práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas estão em processo de transição, de um modelo biomédico para um modelo psicossocial. O modelo biomédico, caracterizado pelo tecnicismo, ainda está presente no atendimento dos profissionais de enfermagem nos pontos de atenção da RAPS (VARGAS et al., 2014; VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011). Porém, ao mesmo tempo que se observa a vigência das práticas ditas como específicas do núcleo de conhecimento dos profissionais de enfermagem, tais como administração e orientação do tratamento medicamentoso, controle de sinais vitais, observação dos pacientes, solicitação e coleta de exames

laboratoriais, realização de curativos e de contenção mecânica (HENRIQUE et al., 2013; GONÇALVES; TAVARES, 2007; VARGAS et al., 2014; VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011), identifica-se a ascensão de um modelo que busca atender as necessidades dos indivíduos numa perspectiva psicossocial de cuidado, sem se limitar as práticas técnicas (VARGAS et al., 2014). A inserção dos profissionais nas práticas reabilitatórias, preventivas e psicoterapêuticas de atendimento - grupos terapêuticos, atividades educativos, oficinas, acolhimento, suporte emocional e estímulo ao usuário - (HENRIQUE et al., 2013; GONÇALVES; TAVARES, 2007; SOUZA; PINTO, 2012; VARGAS et al., 2014; VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011) evidencia-se uma forma de cuidar mais ampliada, dando possibilidades para os profissionais de enfermagem atuarem como protagonistas na Reforma Psiquiátrica Brasileira (VARGAS et al., 2014). Entretanto, alguns enfermeiros ainda não concebem as práticas de cunho psicológico ou de saúde mental como inerente à sua profissão, considerando como papel do enfermeiro apenas as práticas de cunho clínico-biomédico (VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011).

Os profissionais de enfermagem têm dedicado grande parte de seu tempo às práticas administrativas e extrafuncionais. Esse fato contribui para o distanciamento dos profissionais das práticas assistenciais e evidencia a carência de recursos humanos para o atendimento assistencial e as tarefas administrativas nos pontos de atenção da RAPS. Entende-se que a falta de capacitação e a insegurança entre os profissionais de enfermagem no manejo das questões referentes ao uso de drogas aproxime-os das práticas administrativas. No entanto, há casos de profissionais que, apesar de terem capacidade de atuar junto aos usuários de drogas, são desviados de suas funções e acabam tendo dificuldade para perceber o seu real papel nos espaços de atenção aos usuários de drogas (VARGAS et al., 2014; VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011).

A dependência química em um dos membros de uma família acarreta sobrecarga e estresse aos demais integrantes, uma vez que todos os membros são ligados por fortes laços emocionais e sentimento de pertença. Entende-se que incluí-la no tratamento pode ser essencial porque pode representar um aporte social importante no cuidado desse indivíduo. Cabe salientar que apenas um artigo fez referência às práticas de inclusão da família pelos profissionais de enfermagem – com o estabelecimento de vínculo, acolhimento e orientação – durante o processo de reabilitação hospitalar do usuário de drogas (HENRIQUES et al., 2013).

Na Atenção Básica em Saúde, as práticas do enfermeiro no atendimento ao usuário de drogas se mostraram fragmentadas em todos os artigos que abordaram a questão. Constatou-se que a carência de formação desses profissionais e a inexistência de programas e protocolos específicos na temática acabam restringindo as práticas ao acolhimento e ao encaminhamento dos usuários de drogas para serviços especializados como os CAPS AD, as comunidades terapêuticas ou as emergências psiquiátricas (GONÇALVES; TAVARES, 2007; ROSENSTOCK; NEVES, 2010; SOUZA; PINTO, 2012). Destaca-se ainda que as práticas de educação em saúde desenvolvidas por alguns enfermeiros da atenção básica são essenciais para a prevenção do uso de álcool e de outras drogas na comunidade (GONÇALVES; TAVARES, 2007; SOUZA; PINTO, 2012), porém esse tipo de temática nem sempre é bem aceito nas comunidades de baixa renda que sofrem com a violência e o tráfico de drogas (ROSENSTOCK; NEVES, 2010).

4.3 Percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas

O quadro 4 apresenta as percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas extraídas dos artigos durante a coleta de dados. Apesar de 4 (36,5%) artigos não descreverem as percepções como objetivo de estudo, constatou-se que os todos os artigos da amostra apresentaram percepções dos profissionais de enfermagem sobre o atendimento ao usuário de drogas.

Quadro 4 - Quadro sinóptico das percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas

Artigo	Autor e Ano	Percepções dos Profissionais de Enfermagem
A1	VARGAS et al. (2014)	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico e despreparo profissional dificulta o atendimento dos usuários de drogas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem. • O bom relacionamento com os membros da equipe facilita o atendimento dos usuários de drogas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem.
A2	ROSENSTOCK,	<ul style="list-style-type: none"> • A falta de conhecimentos sobre a temática, a

	NEVES (2010)	violência e o medo de sofrer represália por parte dos traficantes dificultam o atendimento dos usuários de drogas pelos enfermeiros.
A3	VARGAS, OLIVEIRA, DUARTE (2011)	<ul style="list-style-type: none"> • O despreparo técnico e a baixa credibilidade dada ao enfermeiro por parte da equipe dificulta o atendimento dos usuários de drogas pelos enfermeiros. • A flexibilidade na divisão do trabalho entre a equipe e a valorização do enfermeiro facilita o atendimento dos usuários de drogas pelo enfermeiro.
A4	HENRIQUES et al. (2013)	<ul style="list-style-type: none"> • A falta de preparo e qualificação alimenta o receio na abordagem ao paciente dependente químico. • Superação do preconceito e o reconhecimento da dependência química como doença após iniciar a prática profissional com os usuários de drogas. • A interação de usuários de drogas internados no hospital com os pacientes clínicos é um aspecto positivo na reinserção social. Porém, também pode gerar medo e insegurança nos pacientes clínicos edificuldades de convivência. • O tratamento dos usuários de drogas seria mais adequado se ocorresse em alas separadas.
A5	VARGAS et al. (2013)	<ul style="list-style-type: none"> • O usuário de drogas é uma pessoa doente que precisa de tratamento e deve ser tratada igual aos outros pacientes dentro do sistema de saúde, pois não difere dos demais. • O usuário de drogas é manipulador, sem limites, fragilizado emocionalmente, carente afetivamente e responsável por sua doença. • Os enfermeiros acreditam que seu trabalho colabora para o sucesso do tratamento.
A6	VARGAS (2010)	<ul style="list-style-type: none"> • Há a tendência de atitudes positivas dos enfermeiros frente às características pessoais do alcoolista. • O Alcoolista é uma pessoa infeliz, solitária sensível,

		<p>com graves dificuldades emocionais, que duvida do seu próprio valor e bebe em decorrência de problemas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Alcoolista pode sofrer com complexo de inferioridade e se sentir uma pessoa má devido a sua doença.
A7	MEIRA, ARCOVERDE (2010)	<ul style="list-style-type: none"> • O alcoolismo é concebido como uma doença que necessita de tratamento. • A principal representação sobre o alcoolismo está alicerçada no estigma social. • A família e o agente comunitário de saúde são essenciais na detecção de casos de alcoolismo e no acompanhamento dos pacientes em tratamento.
A8	GONÇALVES, TAVARES (2007)	<ul style="list-style-type: none"> • A violência estrutural que demarca o contexto social dos usuários de álcool e outras drogas, a falta de conhecimento, à inexistência de protocolos específicos e programas de atenção e à ausência de uma rede de serviços que dê apoio às ações em saúde dificulta o atendimento dos usuários de drogas pelos enfermeiros. • O trabalho em equipe facilita o atendimento dos usuários. • O preconceito é o maior dano que se possa causar a um indivíduo dependente.
A9	SOUZA, PINTO (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • O uso de álcool e de outras drogas é um reflexo dos problemas familiares e de vulnerabilidade social. • O uso de drogas é um problema de saúde pública. • A família e o agente comunitário de saúde são importantes para detecção de usuários de drogas na comunidade. Porém, pode haver dificuldades na formação do vínculo com moradores que possuem receio de serem expostos. • A aproximação ao usuário e à família que possuem

		<p>dificuldade em admitir que utilizam álcool ou outras drogas de forma problemática é uma das principais dificuldades no atendimento dos enfermeiros.</p> <ul style="list-style-type: none"> • É importante que o usuário de drogas deseje o tratamento para que as intervenções de enfermagem tenham êxito. • A falta de capacitação e motivação por parte da equipe dificulta a formação de vínculo com os usuários de álcool e outras drogas.
A10	OLIVEIRA, VARGAS (2012)	<ul style="list-style-type: none"> • O alcoolista é uma pessoa doente e deve ser tratado como tal. Porém, também é uma pessoa difícil de lidar, porque às vezes é agressivo e descontrolado. • O alcoolista também é concebido como um "bêbado" que não tem direito de ser atendido em suas necessidades. • A falta de conhecimento e a pouca experiência gera sentimentos de frustração e o descontrole emocional nos profissionais.
A11	VARGAS et al. (2015)	<ul style="list-style-type: none"> • O usuário de drogas é uma pessoa doente que necessita de tratamento e auxílio de familiares, amigos e profissionais. • O usuário de drogas apresenta disfunções familiares e utiliza a substância psicoativa como recurso para suprir o desamparo e como forma de esquecer os problemas de relacionamento. • A comorbidade psiquiátrica é um fator prévio desencadeante para a dependência química. • A prática assistencial foi essencial para superar os preconceitos e os receios do contato com os pacientes usuários de drogas.

Fonte: Própria autora. Porto Alegre, 2016.

A análise dos artigos revelou ambivalência na percepção dos profissionais de enfermagem sobre o usuário de drogas, pois, ao mesmo tempo em que os profissionais de enfermagem apresentaram percepções de que o usuário de drogas necessita de cuidado em saúde mental - pessoas doentes e com problemas emocionais que necessitam de tratamento igualitário como aos indivíduos e de apoio e dos amigos, familiares e profissionais -, também existe a percepção de que são pessoas difíceis de lidar, manipuladoras, que não tem limites e são responsáveis por sua doença. É possível perceber nessas concepções resquícios do modelo moral de explicação para a dependência química e o uso problemático de drogas. Destaca-se que o estigma social, presente nas percepções, é considerado como resultado da falta de conhecimento e de experiência dos profissionais de enfermagem com os usuários de drogas (MEIRA; ARCOVERDE, 2010; OLIVEIRA; VARGAS, 2012; VARGAS, 2010; VARGAS et al., 2013; VARGAS et al., 2015).

Além de perpetuar o estigma social sobre o dependente químico, a falta de conhecimento teórico, experiência e motivação profissional dificulta o atendimento dos usuários de drogas pelos profissionais de enfermagem, prejudicando a criação de vínculo profissional-paciente, diminuindo a criação de ações de assistência aos usuários, alimentando o receio dos profissionais na abordagem dos pacientes e despertando assim, sentimentos de frustração e descontrole emocional nos profissionais (GONÇALVES; TAVARES, 2007; HENRIQUES et al., 2013; MEIRA; ARCOVERDE, 2010; OLIVEIRA; VARGAS, 2012; ROSENSTOCK; NEVES, 2010; SOUZA; PINTO, 2012; VARGAS, 2010; VARGAS et al., 2013; VARGAS et al., 2014). Ainda que não substitua o ensino sobre a temática, a prática assistencial com o usuário de drogas pode auxiliar os profissionais de enfermagem na superação da influência do modelo moral de explicação para a dependência química e o uso problemático de drogas (HENRIQUES et al., 2013; VARGAS et al., 2015).

O preconceito é concebido como o maior dano que se possa causar a um indivíduo (GONÇALVES; TAVARES, 2007). A falta de interesse dos enfermeiros em atender os usuários de drogas (MEIRA; ARCOVERDE, 2010) e o acolhimento realizado de forma punitiva e preconceituosa pode criar uma barreira que dificulta o reconhecimento do ponto de atendimento como referência na busca de tratamento pelos usuários (GONÇALVES; TAVARES, 2007; SOUZA; PINTO, 2012). Destaca-se que a interação entre pacientes usuários de drogas e pacientes com outras patologias é um aspecto positivo na reinserção social dos usuários de drogas

(HENRIQUES et al., 2013). Porém, segundo os enfermeiros, é essencial que os profissionais desenvolvam práticas de conscientização sobre a importância de aceitar a diferença para que se possa promover um ambiente de convivência agradável, sem preconceito e medo (GONÇALVES; TAVARES, 2007).

Os enfermeiros consideram seu trabalho fundamental para o sucesso do tratamento porque acreditam que o usuário de drogas não é capaz de deixá-las sozinho (VARGAS et al., 2013). Porém, para que as intervenções de enfermagem tenham êxito, é necessário que os usuários estejam motivados para o tratamento e admitem o uso problemático de drogas (SOUZA; PINTO, 2012). Ter uma equipe diversificada que trabalhe de forma hierarquizada, possua um bom relacionamento e que flexibilize a divisão do trabalho tende a facilitar o atendimento do usuário de drogas pelos profissionais de enfermagem. Além disso, o trabalho em equipe, sobretudo no contexto da atenção básica em saúde, é apontado como uma estratégia para enfrentar a falta de programas específicos de atenção aos usuários de drogas nas unidades de saúde da família e nas unidades básicas de saúde (GONÇALVES; TAVARES, 2007; VARGAS et al., 2014; VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011). No entanto, observa-se que alguns profissionais de saúde que integram as equipes nos pontos de atenção da RAPS não confiam na capacidade técnica e terapêutica do enfermeiro e acabam prejudicando e, por vezes, até boicotando o atendimento aos portadores de transtornos decorrentes do uso de álcool ou outras drogas pelo enfermeiro (VARGAS; OLIVEIRA; DUARTE, 2011).

O uso de álcool e outras drogas está presente no cotidiano das equipes da Atenção Básica em Saúde em virtude dos agravos que acarretam ao usuário, família e comunidade (SOUZA; PINTO, 2012). Os enfermeiros reconhecem a família e os agentes comunitários em saúde como parte fundamental dos processos de detecção precoce de casos e de acompanhamento dos usuários de drogas que realizam tratamento nas unidades de saúde (MEIRA; ARCOVERDE, 2010; SOUZA; PINTO, 2012). Além disso, os problemas familiares e de vulnerabilidade social são compreendidos como os principais motivos para o uso de drogas nas comunidades de baixa renda (SOUZA; PINTO, 2012). Destaca-se ainda que a violência e o medo de sofrer represália por parte dos traficantes limitam o atendimento dos enfermeiros aos usuários de drogas nas comunidades (GONÇALVES; TAVARES, 2007; ROSENSTOCK; NEVES, 2010).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos artigos evidenciou que as práticas dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas estão em processo de transição de um modelo biomédico, com foco no tecnicismo, para um modelo que busca atender as necessidades dos indivíduos numa perspectiva psicossocial de cuidado, sem se limitar as práticas técnicas. Ressalta-se que alguns profissionais ainda não consideram as práticas de cunho psicológico ou de saúde mental como aspectos inerentes ao saber/fazer dos profissionais de enfermagem, que aliadas às práticas fundamentalmente administrativas no atendimento ao usuário de drogas, contribui para o distanciamento dos profissionais de enfermagem das práticas orientadas e defendidas pela Reforma Psiquiátrica.

As práticas dos enfermeiros na Atenção Básica em Saúde se mostraram fragmentadas e limitadas ao acolhimento, ao encaminhamento para assistência especializada e ao desenvolvimento de atividades de educação em saúde. Esse modelo de prática é perpetuado pela violência que marca a vida nas comunidades de baixa renda e a não identificação com a temática por parte dos profissionais. Cabe salientar que existem materiais elaborados pelo Ministério da Saúde que visam colaborar com algumas sugestões e ferramentas de trabalho para ampliar a capacidade de cuidado em saúde mental dos profissionais na Atenção Básica.

As práticas de inclusão da família no tratamento dos usuários de drogas foram pouco mencionadas pelos profissionais de enfermagem. No entanto, a família e o agente comunitário em saúde foram reconhecidos pelos enfermeiros como parte fundamental dos processos de detecção precoce de casos e de acompanhamento dos usuários de drogas que realizam tratamento nas unidades de saúde.

Na percepção dos profissionais de enfermagem sobre o usuário de drogas e o atendimento oferecido ao mesmo, constatou-se a presença de resquícios do modelo moral de explicação para a dependência química e o uso problemático de drogas. Os enfermeiros consideram o seu trabalho fundamental para obter resultados no tratamento dos usuários de drogas, entretanto, enfatizam a importância da motivação e reconhecimento do uso problemático pelos sujeitos.

Um dos principais problemas identificado na análise dos artigos foi a ausência de conhecimento teórico específico dos profissionais de enfermagem sobre os aspectos relacionados ao uso de drogas e tratamento. Essa condição fomenta as

dificuldades relatadas pelos profissionais no atendimento ao usuário de drogas, a manutenção do estigma social na interação com os usuários e a desmotivação desses profissionais para o atendimento dos usuários, eximindo-os da responsabilidade no cuidado em saúde. Ainda que não se substitua o ensino sobre a temática, a prática assistencial com os usuários de drogas pode auxiliar na mudança das percepções dos profissionais de enfermagem e estimular a busca por conhecimento.

Cabe salientar que os referenciais teóricos e instrumentos consagrados sobre a dependência química não foram citados nos artigos selecionados. Ressalta-se que esses referenciais e instrumentos - intervenção breve (estratégia de atendimento de curta duração, cujo foco é a mudança de comportamento do paciente), entrevista motivacional (abordagem para ajudar as pessoas a reconhecer e fazer algo a respeito de seus problemas), *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), entre outros - foram baseados em evidências científicas e poderiam auxiliar os profissionais na triagem do abuso ou dependência e nas abordagens terapêuticas aos pacientes usuários de drogas.

Conclui-se que as práticas e percepções dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas ainda possuem vestígios de um modelo que vai de encontro aos pressupostos da Reforma Psiquiátrica e das políticas sobre álcool e drogas recentes. Destaca-se que existe a necessidade de uma atitude crítico-reflexiva dos profissionais de enfermagem no atendimento ao usuário de drogas, pois os mesmos não reconhecem as potencialidades da realização de cuidados nesta área. Nesse contexto, ressalta-se que a educação permanente em saúde pode ser uma estratégia útil para que haja a transição do modelo assistencial a partir da problematização das situações cotidianas dos profissionais, com vistas à qualificação e o aprimoramento do cuidado em saúde.

Essa RI apresenta limitações, pois utiliza recortes que restringiram a amplitude das buscas durante a coleta de dados, tais como período de publicação, idioma, base de dados, descritores, palavras-chave, tipo de documento e gratuidade. Apesar disso, o estudo pode auxiliar a reflexão das práticas dos profissionais de enfermagem, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que visem melhorar a formação desses profissionais e que ofereça um atendimento mais humanizado, integral e efetivo aos usuários de drogas. Sugere-se que sejam elaborados estudos que caracterizem o ensino da temática de álcool e drogas nas

instituições brasileiras de ensino técnico e superior em enfermagem e estudos que problematizem o processo de trabalho em saúde nos serviços de atendimento ao usuário de drogas, a fim de apontar as principais fragilidades e potencialidades do ensino e cuidado que necessitam ser desenvolvidas para que os profissionais de enfermagem tenham práticas efetivas no atendimento ao usuário de drogas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (DSM-5). 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRANCO, Fernanda Matos Fernandes Castelo et al. Atuação da equipe de enfermagem na atenção ao usuário de crack, álcool e outras drogas. **J Health Sci Inst.** São Paulo, v. 31, n. 2, p. 161-165, 2013. Disponível em: <http://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/02_abr-jun/V31_n2_2013_p161a165.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

BRASIL. Decreto nº 7.179, de 20 de Maio de 2010. Institui o Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e outras Drogas, cria o seu Comitê Gestor, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 maio 2010. Seção 1, p. 43.

_____. Decreto-Lei nº 891, de 25 de Novembro de 1938. Aprova a Lei de Fiscalização de Entorpecentes. **Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1938**. Rio de Janeiro, Decretos-Leis, v. 4, p. 1200, 1939.

_____. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 ago. 2006. Seção 1, p. 2.

_____. Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 out. 1976. Seção 1, p. 14039.

_____. Ministério da saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 maio 2013. Seção 1, p. 37.

_____. Ministério da Saúde. Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único em Saúde (SIH/SUS). Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/qiuf.def>>. Acesso em: 16 dez. 2016a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 110 p.

_____. **Observatório Crack, é possível vencer.** [2016]. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/observatoriocrack/index.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016b.

COELHO, Fernando. **A importância da assistência de enfermagem aos usuários de drogas e dependentes químicos.** 2012. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Atenção Básica de Saúde da Família). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Campos Grandes, 2012.

COOPER, Haris M. **The integrative research review: a systematic approach.** Beverly Hills: Sage, 1984.

DIEHL, Alessandra et al. **Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas.** Porto Alegre: Artmed, 2011

DIDONET, Arne Carine Hartmann; FONTANA, Rosane Teresinha. O trabalho com dependentes químicos: satisfações e insatisfações. **Rev. Rene.** Fortaleza, v.12, n. 1, p. 41-48, jan.-mar. 2011. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/vol12n1_pdf/a06v12n1.pdf>. Acesso em: 25 maio 2016.

FILHO, Jairo Arruda; SANTOS, Amália Eid dos; OLIVEIRA, Fábio Santos de. Enfermagem na dependência química além das técnicas de contenção física e mecânica. In: DIEHL, Alessandra et al. **Dependência Química: prevenção, tratamento e políticas públicas.** Porto Alegre: Artmed, 2011. CD.

FORMIGONI, Maria Lúcia Oliveira de Souza (coord.). **O uso de substâncias psicoativas no Brasil: módulo 1.** 9. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2016. 146 p. (SUPERA: Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento).

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; LEAL, Fabíola Xavier; ABREU, Cassiane Cominoti. A política antidrogas brasileira: velhos dilemas. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 267-276, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200014>. Acesso em: 14 jun. 2016.

GONÇALVES, Sonia Silva Paiva Mota; TAVARES, Claudia Mara de Melo. Atuação do enfermeiro na atenção ao usuário de álcool e outras drogas nos serviços extra-hospitalares. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 586-592, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n4/v11n4a05>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

HENRIQUES, Juline Aparecida dos Santos et al. Cuidado a pessoas com dependência química em hospital geral na ótica da equipe de enfermagem. **Rev. enferm. UFSM.**, Santa Maria, v. 3, n. 3, p. 383-393, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/7998/pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

LARANJEIRA, Ronaldo (Org.). **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas: Relatório de 2012.** São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

Para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), 2014. Disponível em: <<http://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relatório.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MACHADO, Letícia Vier; BOARINI, Maria Lúcia. Políticas Sobre Drogas no Brasil: a Estratégia de Redução de Danos. **Psicol. ciênc. prof.**, Brasília, v. 33, n. 3, p.580-595, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n3/v33n3a06.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MEIRA, Solange; ARCOVERDE, Marcos Augusto Moraes. Representações sociais dos enfermeiros de unidades básicas de um distrito sanitário de Foz do Iguaçu, PR, sobre o alcoolismo. **SMAD, Rev. eletrônica saúde mental álcool drog.**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, artigo 11, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38709/41560>>. Acesso em: 05 nov. 2016

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Centro Brasileiro de Classificação de doenças (CBCD). Classificação estatística internacional para doenças e problemas relacionados a saúde. Décima revisão. Versão 2008. Volume I. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

ROSENSTOCK, Karelline Izaltemberg Vasconcelos; NEVES, Maria José das. Papel do enfermeiro da atenção básica de saúde na abordagem ao dependente de drogas em João Pessoa, PB, Brasil. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 63, n. 4, p. 581-586, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/13.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SOUZA, Lucas Melo de; PINTO, Maria Getúlia. Atuação do enfermeiro a usuários de álcool e de outras drogas na Saúde da Família. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiânia, v. 14, n.2, p. 374-383, abr. 2012. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n2/v14n2a18.htm>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SPRICIGO, Jonas Salomão et al. Atenção ao usuário de drogas: um espaço para o enfermeiro. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 296-302, jun. 2004.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). **World drug report 2013**. New York: United Nations publication, 2013. Disponível em: <https://www.unodc.org/unodc/secured/wdr/wdr2013/World_Drug_Report_2013.pdf>. Acesso em: 24 maio 2016.

VENTURA, Carla Aparecida Arena; BENETTI, Débora Aparecida Miranda. A evolução da lei de drogas: o tratamento do usuário e dependente de drogas no Brasil e em Portugal. **SMAD - Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.(Ed. port)**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 51-60, ago. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762014000200002>. Acesso em: 14 jun. 2016.

VARGAS, Divane et al. Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente às características pessoais do paciente alcoolista. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 63, n. 6, p. 1028-1034, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/24.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

_____, Divane de et al. Centros de atenção psicossocial álcool/drogas: inserção e práticas dos profissionais de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 101-106, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n1/1414-8145-ean-18-01-0101.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

_____, Divane de et al. Conceptions of mid-level nursing professionals facing those with a chemical dependency. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 68, n. 6, p. 755-760, nov. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n6/en_0034-7167-reben-68-06-1063.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2016

_____, Divane de et al. Representação social de enfermeiros de centros de Atenção psicossocial em álcool e drogas (CAPS AD) sobre o dependente químico. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 242-248, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v17n2/v17n2a06.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

_____, Divane de; OLIVEIRA, Cely de. Representações sociais dos enfermeiros de hospital geral diante do paciente alcoolista. **Cogitare Enferm.**, Curitiba, v. 17, n. 3, p. 452-457, jul. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/24644/19034>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

_____, Divane de; OLIVEIRA, Marcia Aparecida Ferreira de; DUARTE, Fernando Augusto Bicudo. Psychosocial Care Center for Alcohol and Drugs (CAPS ad): Nursing Insertion and Practices in São Paulo City, Brazil. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 115-122, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n1/16.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

VIEIRA, Fernanda de Sousa; CALDANA, Regina Helena Lima; CORRADI-WEBSTER, Clarissa Mendonça. Relato de auxiliares de enfermagem psiquiátricos sobre suas práticas e sobre pessoas internadas por uso compulsivo de substâncias psicoativas. **Sau. & Transf. Soc.** Florianópolis, v. 4, n.2, p. 139-148, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2653/265328844016/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

A. Identificação do Artigo		Código: ____
Título:		
Autores:		
Periódico/Classificação:		
Ano de publicação e volume:	Cidade:	
Idioma:	UF:	
Descritores/Palavras chave:		
B. Objetivos:		
C. Características metodológicas		
1. Tipo de estudo:		
2. Local de desenvolvimento do estudo:	3. População/Amostra:	
4. Coleta dos dados:		
D. Resultados:		
E. Conclusão:		
F. Recomendações/Limitações:		
G. Observações:		

**ANEXO A - CÓPIA DO PARECER CONSUBSTANCIADO DA COMPEAQ
EEUFRGS**

De: enf_compesq@ufrgs.br

Data: 17 de novembro de 2016 03:15:23 BRST

Para: mcamatta@gmail.com

Assunto: Projeto de Pesquisa na Comissão de Pesquisa de Enfermagem

Prezado Pesquisador MARCIO WAGNER CAMATTA,

Informamos que o projeto de pesquisa AS PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO AO USUÁRIO DE DROGAS: uma revisão integrativa, encaminhado para análise em 31/10/2016 foi aprovado quanto ao mérito pela Comissão de Pesquisa de Enfermagem com o seguinte parecer:

PARECER CONSUBSTANCIADO:

Projeto: AS PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO AO USUÁRIO DE DROGAS: uma revisão integrativa

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Marcio Wagner Camatta

1. ASPECTOS CIENTÍFICOS:

Título: Compreensível, conciso e reflete o conteúdo do projeto.

Introdução: Apresenta claramente o problema do estudo, abordando a dimensão epidemiológica, social e assistencial; conceitua e define termos importantes para o entendimento da proposta de pesquisa.

Objetivo: Apresenta um objetivo geral e claro e congruente com o problema de pesquisa exposto.

Revisão de literatura: Seletiva para o tema, trazendo dados de estudos nacionais e internacionais sobre o tema.

Método: O método é apropriado para alcançar o objetivo proposto.

Delineamento: A proposta de uma revisão integrativa de literatura está adequada ao que se propõe o projeto.

População: Pesquisa secundária com artigos redigidos em português, inglês ou espanhol, disponíveis para acesso online de forma completa e gratuita e publicados no período de 2006 a 2015. Sugere-se na página 10 explicitar os critérios de inclusão e exclusão.

Instrumentos de coleta de dados: Utilização de um instrumento os dados de identificação do artigo, os objetivos, as características metodológicas, os resultados, a conclusão e as limitações e recomendações dos estudos adequada ao que se propõem no estudo.

Análise dos dados: Considerada adequada ao objetivo e ao delineamento do estudo.

Cronograma: Compatível com a proposta do estudo.

Orçamento: Exequível. Serão custeados pelos autores do projeto.

Referências: São seletivas para o tema.

2. ASPECTOS ÉTICOS E REGULATÓRIOS: Há referência quanto à apresentação à Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFRGS. Indica a garantia e o respeito a autenticidade das ideias, conceitos e definições dos autores pesquisados fazendo as devidas citações e referências conforme as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

3. COMENTÁRIOS GERAIS: Demonstra exequibilidade e potencial de sistematização do conhecimento já produzido para a saúde mental. Aprovado.

Atenciosamente, Comissão de Pesquisa de Enfermagem.